

# Itamar quer ser referência da oposição

■ Ex-presidente convida partidos de esquerda para o governo mineiro de olho em alianças para as eleições presidenciais de 2002

Josemar Gonçalves — 4/11/98

ROSELENA NICOLAU

BELO HORIZONTE — A construção de um governo de centro-esquerda, com o claro objetivo de enfrentar o projeto político-econômico do presidente Fernando Henrique Cardoso (PSDB), começa a se tornar realidade pelas mãos do ex-presidente Itamar Franco (PMDB), eleito governador de Minas. Nas articulações para a composição da futura administração do estado, Itamar evidencia sua intenção de se tornar uma referência na oposição, atraindo especialmente setores do PT, encabeçados por Luiz Inácio Lula da Silva, que consideram que a chance de poder das esquerdas está numa aliança com o centro.

“O caminho é este mesmo”, diz o deputado federal Zaire Rezende, o mais notório representante da esquerda do PMDB mineiro, com relação ao futuro governo Itamar Franco. “Com Fernando Henrique, o que está em prática é o projeto neoliberal. Itamar será o contraponto e, pela sua importância, Minas poderá mudar o projeto nacional”, argumenta. Para isso, o ex-presidente terá que investir muito na sua habilidade política. Ao se juntar à ala esquerda do PMDB e ao unir forças com partidos de esquerda, Itamar estará enfrentando forte oposição no seu próprio partido, a começar pelo vice-governador eleito, o ex-governador Newton Cardoso.

**Equilíbrio** — Por enquanto, o ex-presidente tem conseguido equilibrar a situação e, para os seus aliados, não há dúvida de que ele irá manter a esquerda do PMDB hegemônica no governo. “O Newton vai ter seu espaço. Mas depois de tudo pronto muita gente vai chorar. Composição de governo é assim mesmo”, adianta-se um pemedebista.

A aliança com os partidos de esquerda no governo está decidida. Além do PSB, PC do B, PPS, Itamar dividirá o bolo com o PT, partido que será beneficiado na administração estadual. O ponto de discussão vai além, entretanto, da ocupação de cargos. O presidente nacional do PT, José Dirceu, deixou isso claro para Itamar no encontro entre os dois na quinta-feira passada. O PT está se lançando numa empreitada que reflete uma ampla discussão interna.

Representada por Lula e José Dirceu, a proposta é fazer com que o PT experimente com Itamar a ampliação do projeto de alianças que, a duras



*Dirceu (E) disse a Itamar que aliança provocará mudanças internas no PT, que ainda vai avaliar um projeto de poder com o ex-presidente*

penas, foi estendido nas últimas eleições ao PDT, com vistas à conquista do poder. Concordar agora com a participação num governo de centro, que, na comunhão com o PMDB, ganhará visibilidade nacional, provocará reflexos nas eleições de 2002.

“Sem uma aliança mais ampla, o PT continuará tendo seus 30% de votos, mas não chegará lá”, diz Antônio Carlos Pereira (PT), que já trabalha como integrante da equipe de transição de Itamar.

**Dilema** — Essa idéia no PT não é, contudo, unânime. Ao defendê-la, Lula e aliados estarão pondo o pescoço à prova, porque o partido estará diante de duas vitrines e dois caminhos. Por um lado, existirá o PT com Itamar, representando uma aliança mais elástica do que até hoje vivenciada pelos petistas, e, por outro, existirá o PT puro-sangue, no Rio Grande do Sul. “Se a aliança em Minas dançar, o projeto nacional de Itamar dança, mas nós tam-

bém estaremos dançando”, acredita um petista que defende a aproximação com o PMDB.

O ex-prefeito de Belo Horizonte Patrus Ananias, a maior liderança do partido no estado, acredita que a posição do PT é delicada, porque está diante de uma chance de construir uma alternativa de poder, com vistas a enfrentar o projeto político do governo federal, mas corre o risco de se tornar um apêndice. “Sozinhos, nosso espaço é limitado”, admite Patrus, ressaltando que questões como o desemprego e a falta de políticas públicas sociais estão aguardando por uma resposta que não pode esperar.

**Identidade** — Preocupa Patrus a possibilidade de o PT, numa aliança com Itamar, diluir-se, perder a identidade. “Estabelecer limites não é muito fácil”, diz ele, indagando: “Qual será a linha hegemônica do governo?” A dúvida só será tirada quando Itamar anunciar sua equipe de governo, o que ele está disposto a

fazer somente depois do Natal.

No encontro com José Dirceu, Itamar Franco deu a senha para tranquilizar os petistas ressabiados. Quer encontrar com os governadores de esquerda eleitos em Belo Horizonte para uma reunião sobre o ajuste fiscal e a reforma tributária. Na próxima quinta-feira, será a vez de uma conversa com Lula. A disposição de criar no estado um Conselho de Segurança Alimentar, articulado pelo bispo de Duque de Caxias, Dom Mauro Morelli, foi outro sinal concreto de Itamar de que dará atenção às políticas sociais reclamadas pelas esquerdas.

O prefeito de Belo Horizonte, Célio de Castro (PSB), que compartilha o governo com o PMDB e com o PT, também aposta na construção de um projeto nacional a partir do governo de Minas. “O governo Fernando Henrique é também de aliança, mas é uma aliança conservadora, que engloba as elites tradicionais com as

elites chamadas pseudo-modernizantes. Itamar vai tentar compor um governo que se contraponha exatamente a essa aliança e terá a esquerda presente realmente no núcleo de governo”, afirma. Ele ressalta, porém, que deve haver uma certa cautela na formação de frentes de oposição.

A cautela pregada por Célio passa longe do presidente do PMDB mineiro, deputado federal Armando Costa. Crítico eloquente do governo Fernando Henrique, Costa se empolga com a formação da equipe que Itamar está construindo no estado.

“A aliança de centro-esquerda deve ganhar a Presidência da República daqui a quatro anos. O neoliberalismo globalizante deve dançar desta vez”, prevê. Mas Zaire Rezende apela à prudência e lembra que um objeto exposto numa vitrine durante quatro anos, sofrendo com a força do tempo, do sol, do vento e da poeira, é vítima de um desgaste que não dá para ser calculado neste momento.